

P. A-11

24 MAR 2006

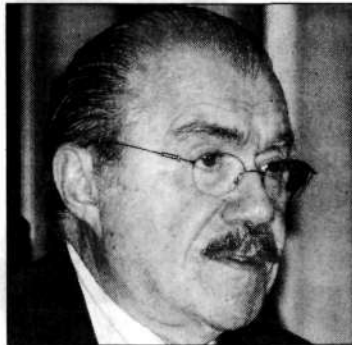
JORNAL DO BRASIL

# PMDB 40 anos

**S**em liberdade não há democracia e esta não funciona sem partidos. A história dos partidos políticos é lenta, mas foram eles o grande instrumento de estabilidade dos governos. Repito a definição clássica de que numa sociedade pluralista e aberta, constituída de grupos de pressão, o partido político é classificado como um destes, diferenciado dos outros porque, em vez de influenciar o poder, ele quer exercer o poder. No Brasil, talvez pela sua dimensão, de realidades regionais diferenciadas, nunca tivemos uma tradição de partidos políticos. Nosso modelo foi mais de facções estaduais que se reúnem a nível nacional em termos de governo e oposição. Assim foi no Império, na República e é até hoje. Por isso quando um partido político em nosso país completa quarenta anos é um feito significativo para as instituições.

O PMDB completa quarenta anos e é muito tempo para nós, enquanto é pouco para a Argentina e Uruguai, com partidos centenários.

Em minha vida conheci dois grandes partidos e pertenci aos dois. Talvez tenham sido os dois únicos partidos nacionais constituídos em torno

**JOSÉ SARNEY**MEMBRO DA ACADEMIA  
BRASILEIRA DE LETRAS

**Preservou sua alma, a  
democracia interna,  
assegurou o direito de  
divergir e permaneceu  
sem donos**

de uma causa, a maior de todas, a da liberdade.

Em 1945, a UDN, depois da queda de Vargas, se constituía como uma agremiação cuja força era a sua unidade na diversidade, aglutinando todas as tendências, que abrangiam um leque extraordinário que ia da esquerda democrática aos parlamentaristas de Raul Pilla. Ela vivia pela chama da democracia e pelo idealismo dos seus pensadores.

Em 1965, com a Revolução, os partidos tradicionais foram extintos. Nasceu o MDB, no princípio engatinhando, depois sendo o grande núcleo em torno do qual se juntaram todas as forças políticas contra o regime autoritário. Nestes quarenta anos prestou consagrados serviços ao país. Teve momentos de glória nas pessoas de Ulisses Guimarães, Tancredo Neves, Paulo Brossard e Teotônio Vilela, como eu, vindo do outro lado. Nos juntávamos na velha tradição brasileira, da Independência, do Império e da República Velha – nesta monarquistas e republicanos juntaram-se para que as instituições permanecessem e se consolidassem.

Do MDB, depois PMDB, nestes quarenta anos

já estou há 22 anos. Fui o presidente da República do PMDB, e sob minha responsabilidade, fomos o partido da transição democrática, da volta das liberdades. Cumpri o seu programa voltado para as causas sociais. O lema da Nova República foi “Tudo pelo Social”. Colocamos na agenda das decisões nacionais a prioridade do social sobre o econômico. Nasceram os programas do leite, o vale-transporte, o seguro-desemprego, o vale-alimentação, a universalização da saúde, a extensão da assistência social aos trabalhadores do campo. Fizemos o Plano Cruzado para beneficiar os mais pobres e distribuir renda. O Brasil cresceu 119% e teve a menor taxa de desemprego de sua história. Fortificou-se o movimento sindical, ordenou-se o Estado de Direito, com a Constituinte, eleições diretas e a implantação da segunda maior democracia do mundo ocidental.

Foram quarenta anos de um partido que preservou sua alma, a democracia interna, assegurou nos seus estatutos o direito de divergir e permaneceu sem donos. Suas aparentes lutas internas são formas de exercitar idéias, nada de patológico e tudo de saúde.